



DESAFIOS E EVIDÊNCIAS DA ABORDAGEM **ONE** **HEALTH** NO CONTEXTO DE CRISE CLIMÁTICA



CARLA MONTEIRO DE SOUZA NOGUEIRA
NATALIA MIGUEL
TAYNÁ MENDES INÁCIO DE CARVALHO
VANESSA FERNANDES PEREIRA RIBAS
SYMONE CRISTINA TEIXEIRA
SUZELEI RODGHER

Desafios e evidências da abordagem One Health no contexto de crise climática

Carla Monteiro de Souza Nogueira

Natalia Miguel

Tayná Mendes Inácio de Carvalho

Vanessa Fernandes Pereira Ribas

Symone Cristina Teixeira

Suzelei Rodgher

**Programa de Pós-Graduação em Ciência e
Tecnologia Aplicada à Odontologia**

São José dos Campos, 2026

ICT-SJC/UNESP

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... PÁG. 4

**CAPÍTULO 1: CONCEITO ONE HEALTH: HISTÓRICO,
FUNDAMENTOS E
RELEVÂNCIA..... PÁG. 8**

**CAPÍTULO 2: CRISE CLIMÁTICA E SAÚDE
GLOBAL..... PÁG. 18**

**CAPÍTULO 3: ONE HEALTH E SAÚDE COLETIVA:
POLÍTICAS, VIGILÂNCIA E
SUS..... PÁG. 31**

**CAPÍTULO 4: DESAFIOS ATUAIS E PERSPECTIVAS
FUTURAS..... PÁG. 39**

resilience & adaptation
individual & community w
HUMAN HEALTH



Ficha catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Desafios e evidências da abordagem one health no
contexto de crise climática [livro eletrônico] /
Carla Monteiro de Souza Nogueira...[et al.].
-- São José dos Campos, SP :
Ed. dos Autores, 2026.
PDF

Outros autores: Natalia Miguel, Tayná Mendes
Inácio de Carvalho, Vanessa Fernandes Pereira Ribas,
Symone Cristina Teixeira, Suzelei Rodgher.
Bibliografia.
ISBN 978-65-01-88643-5

1. Crises 2. Mudanças climáticas 3. Saúde pública
I. Nogueira, Carla Monteiro de Souza. II. Miguel,
Natalia. III. Carvalho, Tayná Mendes Inácio de.
IV. Ribas, Vanessa Fernandes Pereira. V. Teixeira,
Symone Cristina. VI. Rodgher, Suzelei.

26-329115.0

CDD-362.109

Índices para catálogo sistemático:

1. Saúde pública 362.109

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

São José dos Campos, 2026
ICT-SJC/UNESP

resilience & adaptation
individual & community w
HUMAN HEALTH



Introdução

O conceito de One Health (Uma Só Saúde) é um paradigma crucial que exige uma abordagem de pensamento sistêmico para compreender e enfrentar desafios complexos que afetam a sociedade. Essa abordagem dinâmica e holística busca explorar como as questões dentro de subsistemas separados se influenciam mutuamente dentro de um sistema completo. O conceito abrange a integração de três dimensões essenciais:

1. Dimensão Humana.
2. Dimensão Animal
3. Dimensão Ambiental.



Fonte: Imagem gerada por inteligência artificial (ChatGPT, 2025)

O conceito estabelece que os hospedeiros animais e humanos funcionam dentro do ambiente natural, e todos estes operam dentro do sistema maior da biosfera. O ambiente natural é reconhecido como um componente crucial, embora muitas vezes negligenciado, da tríade One Health, pois sustenta a saúde e a sustentabilidade das populações humanas, animais e vegetais.

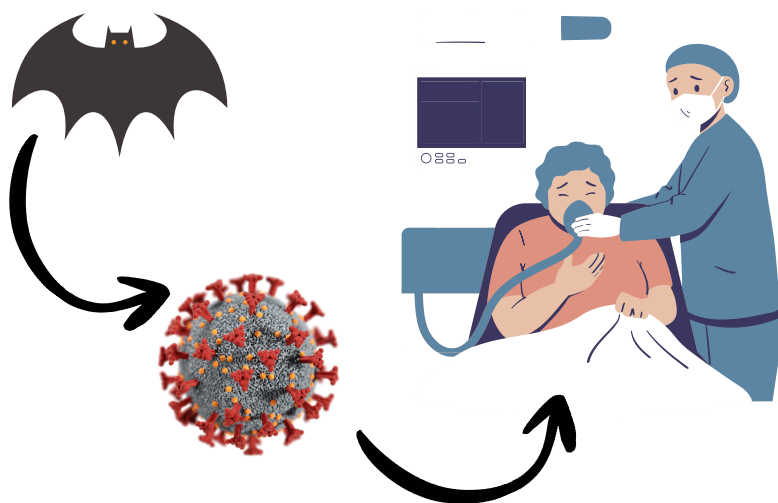
Historicamente, a cooperação entre a saúde humana e a saúde animal leva a benefícios que não seriam alcançados se os setores trabalhassem isoladamente.

A relevância da Saúde Única foi intensificada por crises globais, como a pandemia de COVID-19, que ilustrou como a emergência de um patógeno letal de provável origem animal em uma parte do mundo afeta a saúde pública globalmente.



Fonte: Imagem gerada por inteligência artificial (ChatGPT, 2025)

A OH é crítica para lidar com ameaças zoonóticas e desafios globais complexos, como a Resistência Antimicrobiana (AMR). A AMR exige o pensamento sistêmico da Saúde Única, pois a evolução, transmissão e dispersão da resistência ocorrem em grande parte em configurações ambientais, como fazendas, cursos d'água e vida selvagem.



Fonte: Imagem gerada por inteligência artificial (ChatGPT, 2025)

A aplicação de abordagens de pensamento sistêmico dentro da estrutura One Health requer a utilização e a compreensão de informações multissetoriais por meio de métodos multidisciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares para informar os resultados. Para enfrentar essas ameaças, a Saúde Única mobiliza múltiplos setores, disciplinas e comunidades em vários níveis da sociedade, e exige uma colaboração contínua.

As organizações internacionais Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO), World Organisation for Animal Health (WOAH) e World Health Organization (WHO) lideram essa cooperação, com a recente inclusão do United Nations Environment Programme (UNEP), estabelecendo um engajamento quadripartite para integrar mais fortemente a dimensão ambiental da saúde.



World Organisation
for Animal Health
Founded as OIE



World Health
Organization

1

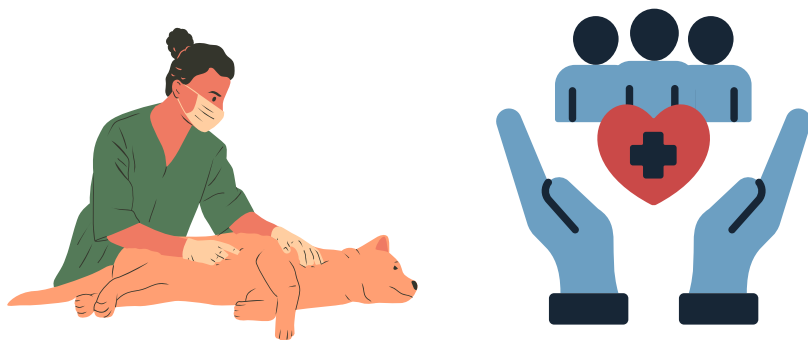
Conceito One Health: histórico, fundamentos e relevância



Fonte: SOARES, 2022

Histórico

O pensamento unificador na saúde não é recente. Historicamente, essas visões remontam a períodos anteriores. Nos anos 1950, o campo da Saúde Pública Veterinária surgiu como uma importante contribuição da medicina veterinária para a saúde pública. Na década de 1960, o epidemiologista veterinário Calvin Schwabe cunhou o termo "Medicina Única" (One Medicine), enfatizando a correlação entre a saúde humana e a saúde animal. No início dos anos 2000, o interesse crescente no desenvolvimento sustentável apontou para a ligação indissociável entre as dimensões humana, animal e ecossistêmica da saúde.



Fonte: Imagem gerada por inteligência artificial (ChatGPT, 2025)

Histórico

A expressão “Um Mundo, Uma Saúde™” foi difundida pela Wildlife Conservation Society em 2004, nos “Princípios de Manhattan”, posteriormente atualizados pelos “Princípios de Berlim” em 2019. Embora a integração entre saúde humana, animal e ambiental seja antiga, o termo One Health só ganhou uso oficial nos anos 2000, com diferentes grupos reivindicando sua autoria. Inicialmente, a abordagem foi impulsionada por ações voltadas às zoonoses emergentes e pela defesa de uma cooperação mais estreita entre as áreas de saúde humana e animal. Pesquisadores como Calvin Schwabe e Jakob Zinsstag, ainda que não utilizassem exatamente o termo, contribuíram para a transição de One Medicine para One Health, ajudando a consolidar o conceito.

Fundamentos

Os fundamentos da OH baseiam-se no reconhecimento de que a saúde dos seres humanos, dos animais domésticos e selvagens, das plantas e do ambiente (incluindo os ecossistemas) estão intimamente ligadas e são interdependentes.

Para ser considerada uma abordagem de Saúde Única, é essencial que o conceito demonstre benefícios decorrentes da colaboração mais estreita entre a saúde humana e a saúde animal (doméstica e silvestre), bem como com interdisciplinaridade de áreas como medicina veterinária, saúde pública, ecologia, ciências ambientais e microbiologia, além da participação de partes interessadas como gestores governamentais, organizações internacionais, profissionais de saúde, setor agropecuário e comunidades locais.

Fundamentos

O conceito exige uma compreensão sistêmica de como os seres humanos, animais e seu ambiente estão inter-relacionados em todas as escalas de tempo e espaço. A OH mobiliza múltiplos setores, disciplinas e comunidades em vários níveis da sociedade, e deve incluir fatores sociais e ambientais (ecológicos), como condições socioeconômicas, comportamento humano, práticas culturais, além de elementos ambientais como qualidade da água e do solo, biodiversidade, uso da terra e impactos das mudanças climáticas.



Fonte: Imagem gerada por inteligência artificial (ChatGPT, 2025)

Relevância

A Saúde Única é considerada crítica para enfrentar diversas ameaças à saúde global e alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Estabelecidos pela ONU, em 2015, e reconhecidos pela OMS como um guia para promover bem-estar, prosperidade e proteção ambiental, os 17 ODS reforçam a necessidade de ações integradas até 2030. No contexto da OH, destacam-se os seguintes ODS, fortalecendo a agenda do desenvolvimento sustentável ao reconhecer que a saúde global depende de ecossistemas equilibrados e de sistemas resilientes.



Fonte: <https://dssbr.ensp.fiocruz.br/agenda-2030/conheca-os-ods/>

Aplicação

A aplicação da abordagem One Health torna-se essencial diante dos principais desafios globais contemporâneos, que incluem desde ameaças zoonóticas e resistência antimicrobiana até questões de segurança alimentar, perda de biodiversidade e impactos econômicos, conforme apresentado nos tópicos a seguir.



1. Ameaças Zoonóticas e Pandemias: Cerca de três quartos das doenças virais emergentes têm origem zoonótica, o que evidencia a necessidade de colaboração multidisciplinar para compreender e controlar a interface entre saúde humana, animal e ambiental. A pandemia de COVID-19 expôs falhas na aplicação de sistemas integrados de vigilância e resposta.



2. Resistência Antimicrobiana (AMR): A AMR é um dos desafios mais urgentes da atualidade, com sua evolução e disseminação ocorrendo amplamente em ambientes externos além dos contextos clínicos. Abordagens de Saúde Única, baseadas em pensamento sistêmico, são essenciais para entender como as atividades humanas influenciam os ecossistemas e impulsionam a emergência e a transmissão da resistência.



3. Segurança alimentar e segurança dos alimentos:

Com o crescimento populacional, garantir alimentos seguros e nutritivos torna-se um desafio cada vez maior, especialmente porque sua produção impacta diretamente solo, água, biodiversidade e ecossistemas. Assim, a perspectiva One Health é essencial para compreender e transformar os sistemas alimentares de forma sustentável.



4. Biodiversidade, mudanças climáticas e saúde: A

biodiversidade é essencial para o equilíbrio dos ecossistemas e para a oferta de recursos vitais, mas sofre declínio acelerado devido a fatores como desmatamento, poluição e mudanças climáticas, o que ameaça a saúde humana, animal, vegetal e ambiental. Essas alterações afetam a distribuição de espécies, vetores e patógenos, reforçando a urgência de ações integradas alinhadas à abordagem One Health.



5. Benefícios Econômicos e Operacionais: A

abordagem One Health gera ganhos quantificáveis em saúde, infraestrutura e vigilância, reduz custos por meio da detecção precoce de patógenos e mostra que sistemas integrados são mais eficientes do que ações isoladas. Além disso, promove um novo paradigma ao priorizar investimentos preventivos em componentes animal e ambiental, reduzindo a necessidade de respostas emergenciais em humanos.

Aplicação

Para maximizar os benefícios, é necessária uma melhor e mais sustentada Operacionalização da Saúde Única (OHO). Isso inclui fortalecer os mecanismos de coordenação multissetorial, como o engajamento quadripartite, que agora inclui o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) para integrar mais plenamente a dimensão ambiental da saúde.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) criou a equipe da Iniciativa One Health (OHI), em julho de 2021. A OHI atua como um elo para integrar e acelerar esforços essenciais de múltiplos setores e entidades globais, com o objetivo de alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, por meio de uma abordagem holística e sistemática que considera as interconexões entre os diferentes ODS.

REFERÊNCIAS

Arnold, K. E., Laing, G., McMahon, B. J., Fanning, S., Stekel, D. J., Pahl, O., Coyne, L., Latham, S. M., & McIntyre, K. M. (2024). The need for One Health systems-thinking approaches to understand multiscale dissemination of antimicrobial resistance. *Lancet Planet Health*, 8, e124–33.

PETTAN-BREWER, Christina; GRÜTZMACHER, Kim; PENN, Gillian; KAHN, Laura H. (2024). Who coined the term “One Health”? Cooperation amid the siloization. *One Health*, 18, 100678.

**Ternova, L., Verger, L., & Nagy, G. J. (2024). Reviewing planetary health in light of research directions in One Health. *Research Directions: One Health*, 2, e7, 1–16.
<https://doi.org/10.1017/one.2024.3>**

Zinsstag, J., Kaiser-Grolimund, A., Heitz-Tokpa, K., Sreedharan, R., Lubroth, J., Caya, F., Stone, M., Brown, H., Bonfoh, B., Dobell, E., Morgan, D., Homaira, N., Kock, R., Hattendorf, J., Crump, L., Mauti, S., del Rio Vilas, V., Saikat, S., Zumla, A., Heymann, D., Dar, O., & de la Rocque, S. (Aceito para publicação). Advancing One Human-Environmental-Animal Health for Global Health Security: What does the evidence say? *Lancet Theme Series on One Health and Global Health Security*.

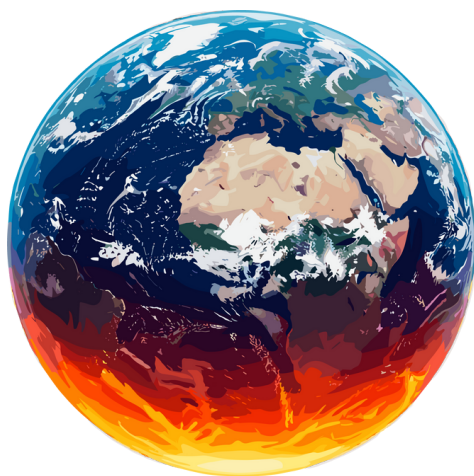
2

Crise Climática e Saúde Global



canva.com

A crise climática representa uma situação de alerta mundial diante das transformações intensas e progressivas no clima do planeta. Essas alterações estão ligadas ao fortalecimento do efeito estufa, responsável pelo aumento da temperatura média da Terra, considerado hoje o maior desafio ambiental enfrentado pela sociedade no século XXI. A crise climática tem impacto direto na saúde global e o conceito One Health (OH) irá nos auxiliar a entender essa integração e assim diminuir os efeitos na sociedade, reconhecendo que a saúde humana, animal e ambiental estão interligadas.



canva.com

O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) é o órgão científico da ONU responsável por avaliar, de forma abrangente, o conhecimento global sobre as mudanças climáticas. Os relatórios do IPCC são elaborados por centenas de especialistas do mundo todo e reúnem evidências científicas, impactos observados e projeções futuras sobre esse tema ambiental. Os principais pontos destacados pelo IPCC são:

1. Aquecimento global sem precedentes

A temperatura média da Terra já aumentou mais de 1°C desde a era pré-industrial. Esse aquecimento é atribuído, de forma inequívoca, às atividades humanas, especialmente às emissões de gases de efeito estufa.

2. Eventos extremos mais frequentes

Ondas de calor, secas, enchentes, ciclones e incêndios florestais tornaram-se mais intensos e mais comuns.

3. Impactos já observados

- Derretimento acelerado de geleiras.
- Elevação do nível do mar.
- Alterações nos ecossistemas, com perda de biodiversidade.
- Prejuízos à agricultura e à segurança hídrica.

4. Projeções futuras

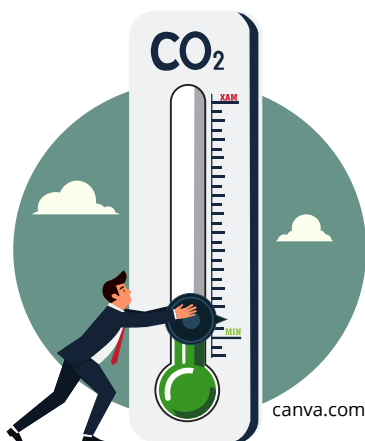
Sem reduções drásticas nas emissões, o aquecimento global poderá superar 1,5°C ou 2°C nas próximas décadas. Isso aumentará riscos para a vida humana, a economia e a estabilidade dos ecossistemas.

5. Mitigação

- Redução urgente das emissões de CO₂ e outros gases.
- Transição para energias limpas.
- Preservação de florestas e expansão de tecnologias de captura de carbono.

6. Adaptação

- Fortalecimento de políticas para lidar com secas, enchentes e eventos extremos.
- Planejamento urbano resiliente.
- Proteção de populações vulneráveis.



O conceito OH sugere que para melhorar a saúde humana temos que melhorar a saúde ambiental como um todo. O desequilíbrio ambiental pode ser causado pela degradação do ambiente, como desmatamento, poluição, extinção de espécies, aumento dos valores de temperaturas etc.

Esse desequilíbrio cria condições que podem acarretar o surgimento e propagação de doenças que afetará todo o ecossistema e, consequentemente, a saúde humana





canva.com

O aumento das temperaturas e a intensificação das ondas de calor, secas e enchentes contribuem para o aumento das doenças respiratórias, doenças cardiovasculares, bem como doenças transmitidas por vetores como a Dengue, Chikungunya, Zica e Malária



canva.com



canva.com

As doenças respiratórias e cardiovasculares estão diretamente ligadas a poluição do ar, a crise climática intensifica a poluição atmosférica resultando em doenças como asma e bronquite crônica. As doenças cardiovasculares são resultantes do aumento dos valores de temperatura, que com maiores incidências das ondas de calor levam a desidratação e exaustão térmica, principalmente na população mais vulneráveis.



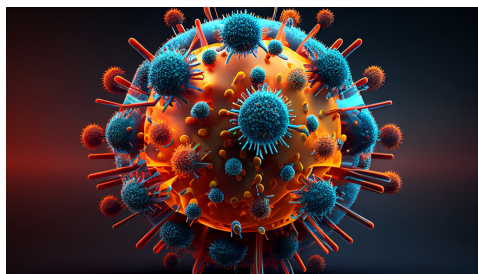
canva.com



canva.com

As doenças infectocontagiosas também são um agravante das crises climáticas. As doenças transmitidas por vetores, como mosquitos, carrapatos e roedores ocorre devido ao aumento da temperatura global que pode alterar as áreas geográficas onde os vetores vivem e se reproduzem e isso pode expandir a proliferação das doenças transmitidas por eles.

O aumento do risco de transmissão de doenças como Ebola, COVID-19 e gripe aviária também ocorre devido a alteração no habitat de animais selvagens e domésticos.



canva.com

A alteração climática também poderá acarretar insegurança alimentar e desnutrição a população mundial, isso ocorre, pois, mudanças climáticas alteram o ciclo de produção agrícola.

A escassez de alimentos pode aumentar a desnutrição e a falta de acesso a alimentos saudáveis, o que enfraquece o sistema imunológico e aumenta a vulnerabilidade dos seres humanos a várias doenças.





canva.com

Alterações no ambiente natural, como desmatamento, promovem perda de áreas naturais fazendo com que seres humanos tenham contato com espécies selvagens potenciais reservatórios de vírus e bactérias, aumentando assim o risco de transmissão de doenças.

Eventos climáticos intensos como furacões, inundações e secas podem levar ao deslocamento populacional e criar condições para disseminação de doenças infecciosas.

As mudanças climáticas também poderão afetar a disponibilização de água potável, piorando as condições sanitárias e levando ao aumento do risco de doenças transmitidas pela água, tais como cólera e diarreias.

Para diminuir os efeitos das mudanças climáticas na saúde global algumas ações estão sendo tomadas como o monitoramento de doenças, com redes de vigilância que unem dados sobre saúde humana, animal e ambiental ajudando a prevenir surtos de doenças.

Programas de vacinação para auxiliar no controle e prevenção de doenças zoonóticas. Adaptação de práticas agrícolas com intuito de criar condutas mais sustentáveis e que reduzam o impacto ambiental melhorando a saúde animal e humana.

Assim como a melhora na qualidade do ar e da água, para promover a conservação dos ecossistemas e protegê-los dos impactos da crise climática.



canva.com

A crise climática é um desafio complexo na saúde global, mas oferece a possibilidade de melhor integração das políticas de saúde pública. Desse modo, é necessário investir em pesquisas, fortalecer a governança global e garantir a participação da comunidade local no desenvolvimento de soluções sustentáveis



REFERÊNCIAS

1- FAO, OIE, WHO, UNEP. One Health Joint Plan of Action 2022–2026. Geneva; 2022.

2- Githeko AK, Confalonieri U, Lindsay SW, Patz JA. Climate change and vector-borne diseases. Bull World Health Organ. 2000;78:1136–1147.

3- Haines A, Ebi KL. The imperative for climate action to protect health. N Engl J Med. 2019;380:263–273.

4- IPCC. Climate Change 2023: Synthesis Report. Intergovernmental Panel on Climate Change; 2023.

5- Watts N, et al. The 2023 report of the Lancet Countdown on health and climate change. Lancet. 2023.

3

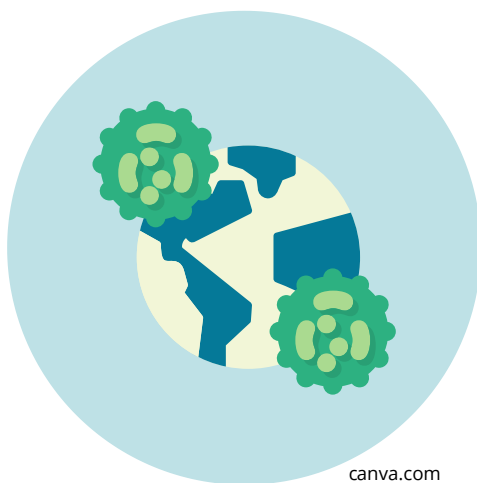
One Health e saúde coletiva: políticas, vigilância e Sistema Único de Saúde



Fonte: <https://ru.freepik.com/premium-vector/community-care-community-help-community-health-concept-vector-various>

A transição para uma vigilância em saúde efetivamente orientada pela perspectiva One Health representa um dos maiores desafios e, simultaneamente, uma das mais promissoras oportunidades para o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS), no contexto nacional.

A estrutura tradicional da vigilância no Brasil, embora robusta em seus componentes, opera de forma fragmentada: as vigilâncias epidemiológicas, sanitária, ambiental, e em saúde do trabalhador funcionam, frequentemente, como sistemas paralelos, com limitada integração de dados e ações.



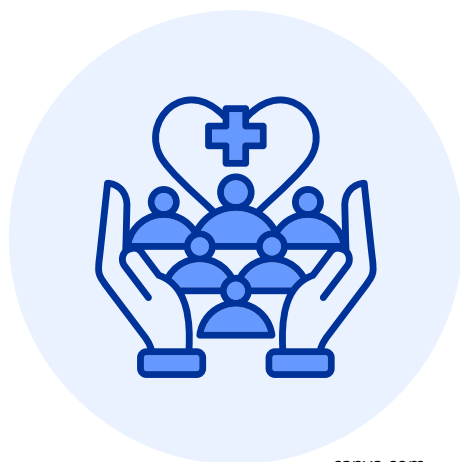
A abordagem One Health impõe a necessidade de superar essa fragmentação, construindo um **sistema de vigilância integrada capaz de monitorar, analisar e responder a eventos na interface humano-animal-ambiente de forma coesa e preditiva.**

O objetivo estratégico é a detecção precoce de ameaças, como a emergência de patógenos zoonóticos, a disseminação de resistência antimicrobiana no ambiente e os impactos de contaminantes ambientais na saúde coletiva.



O SUS, com sua vasta capilaridade territorial, que vai desde as metrópoles até as comunidades mais remotas, e seu princípio doutrinário da integralidade, oferece uma base institucional única para a operacionalização dessa vigilância integrada.

A Estratégia Saúde da Família (ESF), por exemplo, com suas equipes atuando diretamente nos territórios, possui um potencial imenso para identificar mudanças ambientais e surtos em animais que possam preceder agravos à saúde humana. No entanto, a concretização desse potencial é barrada por obstáculos estruturais significativos.



canva.com

O subfinanciamento crônico do SUS, a precarização dos vínculos de trabalho e a insuficiência de sistemas de informação interoperáveis entre os setores da saúde, agricultura e meio ambiente são entraves que limitam a capacidade de resposta do sistema.

A pandemia de COVID-19, uma crise eminentemente One Health, serviu como um teste de estresse que expôs dramaticamente tanto a resiliência do SUS quanto suas vulnerabilidades, sublinhando a necessidade de investimento em uma vigilância mais robusta, descentralizada e articulada.

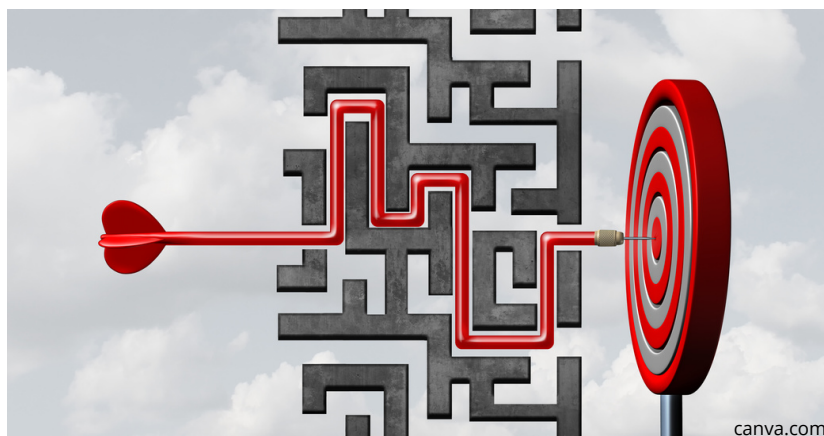


Este cenário é agravado e acelerado pela crise climática, que atua como um multiplicador de riscos sanitários. A alteração nos regimes de temperatura e chuva, por exemplo, expande a área geográfica de vetores como o *Aedes aegypti*, aumentando o risco de arboviroses em regiões antes não endêmicas. Da mesma forma, eventos climáticos extremos, como enchentes e secas podem contaminar fontes de água, solo, deslocar populações de animais silvestres para áreas urbanas e comprometer a segurança alimentar, criando condições propícias para a eclosão de surtos de doenças infecciosas e o aumento de doenças crônicas.



Nesse contexto, a vigilância em saúde sob a ótica One Health deixa de ser apenas uma abordagem recomendável e se torna uma ferramenta estratégica indispensável para a adaptação do sistema de saúde.

A capacidade de antecipar e mitigar os impactos sanitários das mudanças climáticas dependerá diretamente da habilidade do SUS em incorporar uma visão ecossistêmica em suas práticas de vigilância, transformando dados ambientais e animais em inteligência epidemiológica para a proteção da saúde humana.



REFERÊNCIAS

1- BRASIL. Lei nº 14.792, de 5 de janeiro de 2024. Institui o Dia Nacional da Saúde Única. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 jan. 2024.

2- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Uma Só Saúde. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/u/uma-so-saude>. Acesso em: 13 out. 2025.

3- CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DA FIOCRUZ (CEE/FIOCRUZ). Saúde Única: conexão vital para enfrentar desafios globais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2024.

4- Meurer, I. R.; Coimbra, E. S. One Health (Saúde Única): conceito, impactos, desafios e a inserção dessa abordagem no Brasil. HU Revista, Juiz de Fora, v. 49, p. 1-8, 2024.

5- Onocko-Campos, R. Saúde coletiva, desenvolvimento e qualidade de vida no contexto latino-americano atual. Ciência e Cultura, v. 75, n. 2, p. 1-13, 2023.

6- Paim, J. S. Desafios para a saúde coletiva no século XXI. Salvador: EDUFBA, 2006.

4

Desafios atuais e perspectivas futuras



Fonte: <https://www.vecteezy.com/vector-art/>

O mundo contemporâneo enfrenta transformações profundas e interconectadas que afetam diretamente a saúde humana e ambiental. A expansão populacional, a urbanização acelerada, os modelos de produção e consumo insustentáveis, as mudanças climáticas e a perda da biodiversidade configuram um cenário de risco crescente, no qual surgem e se intensificam ameaças globais à saúde. Nesse contexto, a abordagem Saúde Única ou Uma Só Saúde, assim chamada pelo governo brasileiro, surge como um paradigma inovador e indispensável para compreender e enfrentar os desafios sanitários do século XXI.



Fonte: Imagem gerada por inteligência artificial (ChatGPT, 2025)

A proposta de Uma Só Saúde busca promover a integração entre diferentes setores e disciplinas, unindo esforços das áreas médica, veterinária, ambiental, agrícola e social para a formulação de políticas públicas, programas e pesquisas colaborativas. Essa visão ampliada reconhece que a saúde é um bem comum, dependente do equilíbrio entre ecossistemas, seres humanos e outras formas de vida.

Contudo, a implementação efetiva dessa abordagem enfrenta diversos desafios estruturais e operacionais. A falta de articulação entre instituições, a escassez de recursos destinados à pesquisa interdisciplinar e à vigilância integrada, bem como as desigualdades socioeconômicas entre países e regiões, dificultam a consolidação de estratégias unificadas. Além disso, ainda é necessário avançar na formação de profissionais com visão sistêmica e na construção de modelos de governança capazes de integrar as dimensões locais e globais da saúde.



canva.com

A criação da Aliança Quadripartite, formada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA), Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) e Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), representa um marco institucional importante. Essa cooperação busca fortalecer a governança global da Uma Só Saúde, promovendo a troca de informações, a elaboração de recomendações científicas e o suporte técnico para a gestão integrada de riscos sanitários.



Fonte: Imagem gerada por inteligência artificial (ChatGPT, 2025)

Em 2022, a Aliança Quadripartite, com o apoio do Painel de Especialistas de Alto Nível em Uma Só Saúde (OHHLEP, sigla em inglês), lançou o Plano de Ação Conjunto para a Uma Só Saúde (2022–2026), documento que expressa o compromisso das quatro organizações envolvidas em promover e apoiar, de forma coordenada, a implementação global da abordagem. O plano fundamenta-se em iniciativas pré-existentes de âmbito global e regional relacionadas à Uma Só Saúde, buscando complementá-las e agregar valor por meio de ações de cooperação que fortaleçam a capacidade dos países em enfrentar riscos sanitários complexos e interconectados. Dessa forma, propõe a construção de sistemas de saúde mais resilientes, tanto em escala internacional quanto nacional e local. O documento estabelece seis eixos estratégicos de ação, compostos por um conjunto de atividades integradas que podem ser desenvolvidas conjuntamente pelas quatro organizações, com o objetivo de avançar e consolidar, de maneira sustentável, a implementação da abordagem Uma Só Saúde.

Em 2023, foi publicado pela Aliança Quadripartite o Guia de Implementação do Plano de Ação Conjunto para a Uma Só Saúde, documento que apresenta orientações práticas destinadas a auxiliar os países na adoção e adaptação das diretrizes do plano de acordo com suas realidades locais. O material tem como objetivo fortalecer e apoiar a aplicação da abordagem Uma Só Saúde em nível nacional, promovendo a integração intersetorial e a coordenação de ações voltadas à prevenção, vigilância e resposta aos desafios sanitários globais.



Fonte: WHO, disponíveis nos links nas imagens:

No âmbito nacional, o Ministério da Saúde publicou um aviso de consulta pública (ACP nº 2, de 18 de julho de 2025), através da Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente, em nome do Comitê Técnico Interinstitucional de Uma Só Saúde. Nesse documento, solicita-se proposições técnicas para auxiliar na formulação de um Plano de Ação Nacional de Uma Só Saúde - versão estratégica. Com a finalização da versão do documento, esse será aprovado e publicado, com vigência em todo o território nacional.

Entre os benefícios da aplicação da abordagem Uma Só Saúde, destacam-se o fortalecimento da vigilância, prevenção e controle de zoonoses e doenças tropicais negligenciadas, a melhoria da preparação e resposta a pandemias, a promoção da segurança alimentar e o enfrentamento da resistência antimicrobiana. Além disso, essa perspectiva favorece a conservação da biodiversidade, o manejo sustentável dos ecossistemas e o enfrentamento das mudanças climáticas.

As perspectivas futuras apontam para a necessidade de consolidar a abordagem Uma Só Saúde como eixo central das políticas públicas de saúde e meio ambiente, apoiada em educação, inovação tecnológica e cooperação internacional. O avanço das ciências de dados, da inteligência artificial e da biotecnologia oferece novas possibilidades para aprimorar a vigilância epidemiológica, prever surtos e orientar decisões baseadas em evidências.

Em síntese, a Uma Só Saúde não é apenas uma resposta às crises sanitárias emergentes, mas uma estratégia transformadora de desenvolvimento sustentável, que propõe repensar a relação da humanidade com o planeta. Ao promover uma visão integrada e colaborativa, a abordagem se consolida como um caminho essencial para construir um futuro mais saudável, equilibrado e resiliente para todas as formas de vida.



No Brasil, fortalecer a abordagem de Saúde Única no SUS é uma oportunidade estratégica, mas também um desafio complexo. Sua consolidação depende da institucionalização formal por meio de normativas e diretrizes do Ministério da Saúde, garantindo orientações claras para profissionais e gestores. É necessário ampliar a disseminação do conceito nas ações de vigilância, prevenção e controle, com investimentos em educação permanente e capacitação interdisciplinar. Também é fundamental reforçar a articulação entre saúde, meio ambiente e agricultura nos níveis federal, estadual e municipal, criando mecanismos de cooperação técnica. A efetivação da Saúde Única, no SUS, exigirá governança colaborativa, financiamento adequado e engajamento contínuo, consolidando-se como estratégia essencial para a resiliência sanitária e a promoção de um futuro mais sustentável.





Fonte: <https://bvsmis.saude.gov.br/03-11-dia-mundial-e-nacional-da-saude-unica/>

A instituição do Dia Mundial e do Dia Nacional da Saúde Única, celebrado em 3 de novembro, representa um marco importante para a promoção e fortalecimento da abordagem Uma Só Saúde. Essa data tem como propósito ampliar a conscientização pública sobre a interdependência entre a saúde humana, animal e ambiental, estimulando o engajamento de profissionais, instituições e cidadãos em ações educativas e de sensibilização. Ao reunir diferentes setores em torno de um objetivo comum, o dia dedicado à Saúde Única favorece a colaboração transdisciplinar e intersetorial, elementos fundamentais para enfrentar os desafios contemporâneos em saúde global.



Fonte: <https://bvsmms.saude.gov.br/03-11-dia-mundial-e-nacional-da-saude-unica/>

No contexto brasileiro, a criação do Dia Nacional da Saúde Única, por meio da Lei nº 14.792, de 5 de janeiro de 2024, reforça o compromisso do país com a Agenda 2030 e com os ODS, ao estimular a construção de uma cultura de responsabilidade compartilhada e de ações integradas voltadas à prevenção, à sustentabilidade e ao bem-estar coletivo.

Considerações Finais

O conceito de Saúde Única (One Health) tornou-se um paradigma indispensável para compreender e enfrentar os desafios complexos do século XXI, ao reconhecer a interdependência entre a saúde humana, animal, vegetal e ambiental. Sua importância foi reforçada por crises como a pandemia de COVID-19, que evidenciou a influência de micro-organismos na saúde global. A abordagem é considerada essencial para lidar com ameaças como doenças zoonóticas — responsáveis por cerca de três quartos das infecções virais emergentes —, resistência antimicrobiana, segurança alimentar e os impactos das mudanças climáticas e da perda de biodiversidade. A crise climática atua como multiplicador de riscos sanitários ao intensificar desmatamento, poluição e alterações ecológicas que favorecem o surgimento de doenças, reforçando a urgência de estratégias integradas.

Para demonstrar seu valor, a Saúde Única requer colaboração efetiva entre setores e investimentos em prevenção e vigilância ambiental e animal, reduzindo custos sociais futuros. Nesse cenário, destaca-se a Aliança Quadripartite (FAO, WOAH, WHO e UNEP), que fortalece a governança global e orienta os países por meio do Plano de Ação Conjunto para a Uma Só Saúde (2022–2026). No Brasil, o SUS apresenta grande potencial para implementar essa abordagem, devido ao princípio da integralidade, mas enfrenta desafios como subfinanciamento, fragmentação de sistemas de informação e necessidade de institucionalização, formação contínua e articulação intersetorial.

Em síntese, a Saúde Única constitui uma estratégia essencial para promover um futuro mais saudável e resiliente, alinhado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Sua adoção permite antecipar riscos, responder a emergências e fortalecer políticas públicas integradas, fundamentais em um mundo interconectado e cada vez mais pressionado pelas mudanças climáticas.

REFERÊNCIAS

1- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico. Brasília: Ministério da Saúde, v. 52, n. 40, nov. 2021. ISSN 9352-7864.

2- FAO, UNEP WHO, and WOA. A guide to implementing the One Health Joint Plan of Action at national level. Geneva: World Health Organization, Food and Agriculture Organization of the United Nations, United Nations Environment Programme and World Organisation for Animal Health; 2023. Licence: CC BY-NC-SA 3.0 IGO.

3- FAO, UNEP WHO, and WOA. Global Plan of Action on One Health. Towards a more comprehensive One Health approach to global health threats at the human–animal–environment interface. Rome. 2022. <https://doi.org/10.4060/cc2289en>

4- Gregório, H. B.; Araújo, R. P. S.; Moraes, S. T. S.; Matos, J. C.; Bezerra, I. H.; Gomes, C. T. B.; Cavalcante, H. T. M.; Santos, W. N.; Santos, M. T. N.; Lucci, J. R.; Pedro, A. M.. A interdependência entre saúde humana, animal e ambiental: desafios e perspectivas na implementação da Saúde Única no Brasil. Revista DCS, v. 22, n. 81, p. 1–12, 2025. ISSN 2224-4131.